

Defesa que compromete

Raul Pilla

(Deputado pelo Partido Libertador)

(Para os "Diarios Associados")

Posta na ordem do dia pelos debates travados na Assembleia Constituinte, dela ainda não saiu a questão do regime parlamentar. Não saiu, nem poderá sair, enquanto a reforma não se realizar, pois cada vez mais vivamente sentida se lhe vai fazendo a necessidade. E' uma ideia em marcha e nada, já, a logrará deter.

Como estão reagindo ao movimento? Tem opositor? Dizem uns não importar o regime, senão somente os homens, o que, se por um lado tira força aos partidarios da reforma, por outro também a tira, logicamente, aos seus impugnadores. Dizem outros ser o regime presidencial uma perfeição e consistirá o seu defeito apenas em não haver sido praticado. Cumpre, assim, substituí-lo, como querem os parlamentaristas.

Nunca uma defesa comprometeu mais uma causa. Se bom é o regime (concedamo-lo que o seja) mas não logrou ainda realizar-se mais de meio século depois de adotado, que poderá significar isto, senão que não se adapta à nossa gente e é, por isto, impraticável? Que não o soubermos conservar nos primeiros anos da Republica, compreende-se, mas que não o tenhamos conseguido nem após varias gerações de presidencialistas confessos e convictos em todas as posições de mando e em todas as catedras de direito publico das universidades, coisa é que não se pode admitir, senão reconhecendo que a nós não serve tal regime, por melhor que, em abstracção, o queiramos considerar.

Afirmar, pois, que o presidencialismo é bom, mas ainda não o praticamos e por isto tão maus têm sido os seus resultados, é do mesmo passo condemná-lo, senão absolutamente, pelo menos quanto ao povo brasileiro.

Não falta, entretanto, quem, afirmando uma suposta, mas não demonstrada superioridade doutrinária do regime, declare que nele devemos insistir, até lograr praticá-lo satisfatoriamente. Mas que é um sistema politico como o presidencial ou o parlamentar, que ora se discutem? Será um fim em si mesmo, ou simplesmente um meio? Se é um fim, e tão alto e nobre que justifique todos os sacrificios, razão têm os presidencialistas em telmar nele; se é um meio, um simples instrumento destinado a realizar o bem comum, então insensato será persistir em empregar o que não pudemos aprender a utilizar em mais de meio século de experiencias malogradas.

Ora, se a democracia é um estilo de vida, em que a liberdade e a dignidade do homem se elevam á categoria de bens inestimáveis, constitui ela, por isto, um fim em si mesma, representa um ideal que não é licito relegar, por ser mais ou menos dificultoso o alcançá-lo. Cabe aqui persistir e insistir. Ninguém tem o direito de renunciar á evolução, ao progresso, ao aperfeiçoamento.

Mas, se, pelos altos valores que envolve, é a democracia um fim em si mesma, os varios regimes politicos, as diversas formas de governo não passam de instrumentos, com que se procura realizar o objetivo. Não valem por si mesmos, senão somente por seus resultados. Insistir num mau instrumento por amor ao instrumento traduz uma total inversão de valores, significa sobrepor os meios aos fins, é, em suma, uma aberração que nada justifica.

Assim, presidencialismo e parlamentarismo são simples instrumentos com que se procura realizar a democracia, e não a propria democracia. E só como instrumento devem ser julgados, isto é por seus resultados. Reconhecer que, em mais de meio século de vida republicana, o regime presidencial ainda não pôde ser executado, é simplesmente condemná-lo por inexecuível, por inadaptable ao povo brasileiro.

E, se não foi bem exercido até agora, haverá ao menos a esperança de que o venha a ser em futuro proximo? Desde a sua instituição, o regime não tem feito senão degradar-se. A atual experiencia não é mais alentadora que as outras. Por uma linha constantemente, embora não uniformemente descendente, haveria de representar-se a vida politica brasileira na Republica, se a pudéssemos exprimir num gráfico. Em nome, pois, de que princípios e interesses se há-de perseverar em tão longa e desastrosa experiencia?

O reconhecimento de que o presidencialismo brasileiro não deu bons resultados, porque ainda não foi cumprido, é, de parte dos que o defendem, a sua maior e mais completa condenação.